

sistiu nas *Ord. Filip.*, liv. 5.º, tit. VII, que prescreveu: «Quem disser mal de seu Rey, não será julgado por outro Juiz, se não por elle mesmo, ou por as pessoas a quẽ o elle em especial commetter. E serlhe-ha dada a pena conforme a qualidade das palavras, pessoa, tempo, modo, e tenção com q̃ forem ditas. A qual pena se poderá estender até morte inclusive, tendo as palavras taes qualidades, porque a mereça.»

As injúrias contra o rei e sua família foram mais tarde punidas pela forma estabelecida no cap. III, secção 1.ª dos códigos penais de 10-Dezembro-1852 e 16-Setembro-1886.

Do *Eclesiastes*, x, 20: «Mas nem ainda no teu pensamento amaldições ao Rei, nem nas recâmaras da tua cama amaldições ao rico; porque as aves do Céu levarão a voz, e o que tem asas dará noticia da palavra.»

CVI

¿Noite má, para quem te aparelhas?

Esta expressão, que viveu muito tempo como provérbio entre os Portugueses, teve origem no reinado de D. Afonso V.

Foi pressentindo mau êxito, e no silêncio do abatimento, que as tropas da expedição enviada para a conquista de Tânger se puseram em marcha aos 19 de Janeiro de 1464. Um cometa de grande cauda, que por essa ocasião se viu no céu, assustou ainda mais os espiritos supersticiosos, e levou o valente fidalgo Gomes Freire a dizer: ¿Noite má, para quem te aparelhas?

É o que diz Rui de Pina, na *Crónica de D. Afonso V*, cap. 153, p. 505, acrescentando que o cometa «lançava de si muitos raios de fogo em figura de dragão.» ⁽¹⁾

Alude também ao facto o dr. Alexandre Ferreira, nas suas *Memórias históricas das ordens militares*, p. 189, cap. II, § IV, onde se lê: «Em 19 de janeiro de 1464 sahiu de Alcacer Seguer o Infante Dom Fernando: mal encaminhado vae este principe na gente que leva descontente, infeliz vaticinio e de má sorte: chegando já de noite à Cabeça de Almenara, viram

(1) Apud Pinheiro Chagas, *Hist. de Portugal por uma sociedade de homens de letras*, II, 352, nota 1.

um Cometa de horrenda e medonha figura que appareceu de improviso; e visto por Gomes Freire de Andrade, Cavalleiro de garbo e de entendimento, disse: Noite má, para quem te aparelhas.» (¹)

Azurara, na *Crónica do Conde D. Pedro de Menezes*, dá a seguinte forma à frase de Gomes Freire:

— Oh noite má,	— E os homens do mar
Para quem te aparelhas?	Onde é que os deixas?
« Para os pobres soldados	« Esses ficam mettidos
E pastores de ovelhas. »	até ás orelhas... » (²)

Em Hernan Nuñez, « Refranes »: *Noche mala para quien te aparejas? para perro de vacas e pastor de ouejas.*

*

Os cometas — a que o nosso povo chama *estrêlas de rabo* — são, de todos os astros, os que mais impressionam a humanidade, e foram em todos os tempos motivo de terror dos povos, que viam na sua aparição o prenúncio infalível de uma calamidade — como guerra, epidemia, tremor de terra, fome, morte do Papa e, sobretudo, morte de um soberano, ou de outra pessoa real (³).

À sua fatal influência se referem diversos autores antigos. Assim, Vergílio escreveu na *Eneida*, lib. 10, v. 272-3:

Non secùs ac liquidâ si quando nocte cometae
Sanguinei lugubre rubent.

E nas *Geórgicas*, lib. 1.ª, v. 488:

... nec diri totiès arsere cometae.

(¹) Apud Teófilo Braga, *Sóbre a literatura portuguesa*, em introdução ao dic. de Fr. Domingos Vieira, Pôrto, 1871-74.

(²) V. Teófilo Braga, *A história de Portugal na voz do povo*, in *Era Nova*, I, 152.

(³) Em 1681, M.^{me} de Sévigné escrevia ao conde de Bussy: « Nous avons une belle comète. Tous les grands personnages sont alarmés. »

Em Lucano, lib. 1, lê-se:

Ignota obscurae viderunt sidera noctes,
Ardentemque polum flammis, coeloque volantes,
Obliquas per inane faces crinemque tremendi
Sideris, & terris mutantem regna cometem.

E Claudiano escreveu:

Regnorum eversor rubuit letale cometes ⁽¹⁾.

No tempo de Plínio, estudava-se o local do céu onde brilhavam os cometas, a direcção dos seus raios, e a forma que representavam. Se os raios se assemelhavam a uma flauta, o presságio relacionava-se com a música; se formavam triângulo, ou quadrado, era à sciência que diziam respeito; envenenavam-se os ares quando os raios se viam na cabeça do serpentário boreal ou austral.

Os astrólogos da idade-média explicavam a influência dos cometas segundo os signos do Zodiaco: No *Carneiro*, anunciavam secas, guerras importantes, mortalidade; na *Virgem*, esterilidade, prisão; no *Escorpião*, praga de reptis e gafanhotos; nos *Peixes*, guerra, peste, morte de altas personagens. Davam também grande importância ao número de constelações por que passavam os cometas, cuja acção perniciosa era igualmente explicada pela côr do astro. Se este apresentasse uma côr branca, anunciava pleuresias, letargias, etc.; se tivesse côr avermelhada, trazia a febre amarela; se a côr fôsse negra, anunciava meteoros horríveis, que talavam os campos e trucidavam os homens, espalhando o terror e a morte sôbre a terra, que se tornava um cemitério ⁽²⁾.

Gregory, e outros astrólogos, atribuíram influências climatológicas aos cometas, e admitiram que a Terra, de grandeza muito superior à dos cometas, podia atrair para si as

⁽¹⁾ Transcrevo os trechos latinos do *Traité historique et critique de l'opinion*, par M. Gilbert-Charles le Gendre, Paris, 1741, VII, 394.

⁽²⁾ A. Osório de Vasconcelos, *Cartas a uma senhora (os cometas)* in *Arq. Pitoresco*, VIII, 70.

partes extremas da cauda dos mesmos, e que a mistura de novos elementos com a atmosfera terrestre, alterando a constituição desta, a devia tornar nociva e até imprópria para a vida dos animais.

Médicos respeitáveis, como Sydenham e outros, admitiram também a influência dos cometas sobre os fenómenos da vida. M. T. Forester exagerou esta opinião a ponto de dizer: *Não há desastres sem cometas, nem cometas sem desastres*; e, formando um catálogo de quantos cometas têm aparecido desde o principio da era cristã, correlacionou-os com os fenómenos metereológicos, tremores de terra, erupções vulcânicas, fomes, epidemias, epizootias e outros males que se lhes seguiram ⁽¹⁾.

•

Quanto a doenças, vejamos a curiosa explicação de Brás Luís de Abreu, médico e frade franciscano do século XVIII, o qual, aludindo ao cometa Veru, ou Lancea (que descreve ser *à maneira de um espêto comprido e delgado*) diz no seu *Portugal Médico*, p. 437, § 106: «He espantoso, e horrendo á vista; e por ter influxos de Marte, e Mercurio, corrompe as hervas, e os frutos de que se sustentão os animaes, e da qui vem seguirem-se doenças funestas e lethaes.»

A peste de Florença (1348) e a de Londres (1663) foram acontecimentos preditos por cometas.

Diz-se — e corre impresso — que a origem da saudação *dominus tecum*, que se dirige a quem espirra, se attribui ao cometa de 590, que foi considerado causa da peste que então grassou, e na qual o espirro era, com frequência, precursor da morte. Quando alguém espirrava, os circunstantes diziam: *dominus tecum*, o que equivalia a manifestar-lhe que se faziam votos para que o Todo-Poderoso o preservasse de semelhante flagelo.

Esta versão, porém, é infundada, porque já em Plínio, liv. 2.º, cap. 2.º, § 11, se alude a dizer-se *Deus vos salve*, quando se espirrava ⁽²⁾.

⁽¹⁾ V. José Ferreira de Macedo Pinto, *Medicina administrativa e legislativa*. Coimbra, 1862, I, 157.

⁽²⁾ V. César Cantu, *Hist. Univ.*, trad. de Manuel Bernardes Branco, Lisboa. 1877, VI, 339, nota 1.

A pág. 262 do *Alm. de Lemb.*, de 1896, lê-se em nota da redacção: «O uso de saudar as pessoas que espirram parece datar da mais remota antiguidade. Em Roma era êle muito usado, empregando-se para tal fim a fórmula — *salvé*, ou — *Júpiter vos conserve*. A própria pessoa que espirrava dizia também: *Júpiter me conserve*.»

*

Às vezes, os astros errantes eram os implacáveis pressagiadores de um dilúvio. Foi sob êste preconceito que os astrólogos receberam o cometa de Fevereiro de 1524, o que levou Fr. António de Beja, monge de S. Jerónimo, a escrever um livro, que intitulou: *Contra os juizos dos Astrologos. Breve tractado contra a opinião de alguns ousados Astrologos que por regras de astrologia non bem entendidas ousam em publico juizo dizer que ha quatro ou cinco dias de Fevereiro de 1524 por ajuntamento de alguns planetas em ho signo de piscis será gram diluvio na terra*.

Whiston, teólogo e matemático inglês (1667-1747) afirmou que um cometa fôra a causa do dilúvio universal ⁽¹⁾.

*

A influência dos cometas na história da humanidade foi durante séculos considerada incontestável, e, como geralmente succede com as superstições, não faltaram acontecimentos a dar alento à credulidade popular.

Diz-se que a morte do imperador Constantino foi anunciada por um cometa, no ano 336, e que a aparição de outro correspondeu à morte de Atila (453).

Citam-se também: em 577, a morte de Meroveu; em 584, a de Chilperico; em 602, a do imperador Maurício; em 632, a de Maomé; em 1199, a de Ricardo I, de Inglaterra; em 1250, a de Frederico II, da Alemanha. Apareceu um cometa pouco antes da morte de Filipe Augusto, rei de França (1223).

Nas suas *Geórgicas* relata Vergílio a morte de Júlio César, e menciona o fúnebre aparecimento de um cometa foveiro com manchas côr de sangue; êsse cometa foi considerado como sendo a alma daquele ditador.

⁽¹⁾ V. *Cartas* citadas na nota 2 da p. 216, no *Arq. Pitoresco*, VIII, 85.

Conta Sigeberto, que Luís I (*Le Dèbonnaire*), rei dos Francos, dissera, pouco antes de morrer e a propósito de um cometa então aparecido: *Devemos temer apenas aquele que rege os astros. Aproveitemos, no entanto, as advertências que a sua divina vontade nos faz para nos dispor a bem morrer* (¹).

Ao cometa de 1264 foi atribuída qualquer influência na morte do Papa Urbano IV.

Coincidiu com a aparição de um cometa, em 1835, o atentado de Fieschi contra Luís Filipe, de França, ao qual o monarca escapou por milagre, mas que custou a vida ao general Vèrigny, ao coronel Raffé, ao marechal Mortier, duque de Trévise, bem como a mais umas quarenta pessoas.

Eduardo VII, de Inglaterra, morreu em Maio de 1910 — mês em que o famoso cometa de Halley nos fêz a sua última visita.

A aparição de cometas precedeu certos factos históricos, como: as guerras de Maomé; o scisma de Henrique VIII, a conquista do México, a invasão da Itália por Frederico I, da Alemanha, em 1162; o tremor de terra de Lisboa, em 1531, e as inundações da Holanda no mesmo ano.

Em 1066, os habitantes de Inglaterra, paralisados de terror pela visita de um cometa, viram o seu país invadido por Guilherme-o-Conquistador, da Normandia. Segundo os cronistas do tempo, o astro fôra enviado para servir de guia aos terríveis invasores (²).

A impressão produzida em Inglaterra pela invasão, ficou assinalada numa tapeçaria que se tornou célebre e se conserva em Bayeux (França), atribuída à rainha Matilde, a qual comemorou assim a vitória de seu marido (³).

Alude a êsse precioso trabalho o *Alm. Vermot* (Paris) de 1911, na fôlha relativa a 12 de Outubro, onde informa que nele se representam o rei de Inglaterra, Harold, rodeado de uma multidão de súbditos, dirigindo olhares de terror e levantando os braços suplicantes para a estrêla fatal, que prognosticava o terrível e próximo desastre de Hastings, onde Harold devia ser vencido e morto.

(¹) Ob. e vol. cit. na nota 1 da p. 216, p. 395.

(²) V. loc. cit. na nota 2 da p. 216.

(³) V. M. N. Bouillet, *Dictionnaire Universel d'histoire et de géographie*, Paris, 1866, s. v. « Bayeux ».

Em 1456, uma das mais célebres e brilhantes aparições cometárias lançava o alvoroço em toda a Europa, então sob a influência da desastrosa conquista de Constantinópla pelos Turcos, e o Papa Calisto III ordenava preces públicas em todo o orbe católico para conjurar a maléfica influência do astro errante, que era o terrível cometa de Halley ⁽¹⁾.

A guerra europeia, começada em Agosto de 1914, coincidiu com a presença do cometa de Delvan no céu boreal, entre a Ursa Maior e a constelação dos Gêmeos, cuja descoberta — feita pelo observatório de Plevna (Bulgária) — foi assinalada pelo astrónomo francês Camilo Flammarion, na *Revista de Astronomia*, com o seguinte comentário: «Para os supersticiosos, este cometa será um sinal de paz, ou de guerra? Para os astrónomos é simplesmente o magnífico cometa de Delvan...» ⁽²⁾

Pelo que respeita especialmente a Portugal, uma das mais célebres aparições cometárias foi a de 1577, quando D. Sebastião organizava a expedição à África, onde morreu com a flor da fidalguia portuguesa. O cometa foi então considerado como fatídica revelação ou aviso do céu, para que a expedição não partisse, mas o monarca não era homem para ouvir conselhos que o mandassem desistir de uma deliberação tomada.

Durante muito tempo se acreditou que o domínio hespanhol fôra prognosticado pelo «cometa de D. Sebastião», como lhe chamou o padre António Vieira, numa carta dirigida a D. Rodrigo de Meneses aos 23 de Fevereiro de 1665, e na qual se lê: «Dizem que este Cometa é parecido em tudo ao d'El Rei D. Sebastião e que assim como aquelle significou a sujeição de Portugal a Philippe Segundo, assim este a Philippe Quarto.» ⁽³⁾

⁽¹⁾ V. *Enciclopédia Portuguesa*, de Maximiano de Lemos, s. v. «cometa».

⁽²⁾ Transcrevo d-*O Povo de Porto de Mós*, de 31-X-914.

⁽³⁾ *Cartas selectas do padre António Vieira*, ordenadas e correctas por J. J. Roquette, Paris, 1838. Aquele célebre jesuíta — que, Roquette, no prólogo do livro, apoda de «nimia-mente crédulo pelo que respeita a profecias vulgares, e pouco filósofo pelo que pertence à influência dos astros» — acreditava firmemente na acção maléfica dos cometas. Na carta ali publicada sob o n.º XXVI, diz o notável prégador: «Se os Co-

Na *Vida del Escudero Marcos de Obregon*, cita Espinel este presságio, que no tempo de D. Sebastião corria da próxima ruína de Portugal: «Estando en esta casa y en Valladolid, se descubrió aquel gran Cometa, tantos años antes pronosticado por los grandes Astrologos, amenazando à la cabeza de Portugal.» ⁽¹⁾

Brás Luís de Abreu, no seu já citado *Portugal Médico*, p. 439, § 120, explica pitorescamente a razão da influência dos cometas em guerras, sedições e motins: «São também muytas vezes os Cometas prenuncio, de contendias, de guerras, de sedições, e de motins; porque os alimentos viciados de que nos nutrimos, e o ar intemperado de que usamos attrahido pella inspiração, são causa de que no coração se gerem hum nimio provento de espiritos vitais calidissimos, aonde reside a faculdade irascivel, a qual como por propria condição se mova, e nos incite para disturbios e dissençoens, ajudada e compellida do nimio calor dos espiritos, e dos influxos do Cometa, facilmente a razão se offusca, e a irascivel se arrebatata; donde vem que as Monarchias se alterem, e os estados se perturbem, os Principes se estimulem, e os povos se amotinem: como diz Francisco Roxo. 10. Por isso antes da destruição de Hierusalem appareceo sobre ella hum Cometa à maneira de huma espada, como conta Josepho II.» ⁽²⁾

*

Algumas vezes a aparição de cometas tem anunciado aos supersticiosos o fim do mundo por um choque. Sem falar de tempos antigos, a história regista o pânico de 1773, em França, ligado a um suposto cometa, que nunca appareceu, e os de 1816, 1832 e 1857.

Deste último diz A. Osório de Vasconcelos, no seu estudo *Os cometas*, publicado no *Arquivo Pitoresco*, VIII (1865), a

metas, como tem provado a experiencia de todos, annunciação ruinas de reinos, nenhum reino ha hoje na Europa, que tenha disposições para uma grande ruina, senão Portugal.»

(1) Apud Teófilo Braga, *Hist. de Camões*, parte 1, p. 361.

(2) Apud Dic. de Fr. Domingos Vieira, s. v. «faculdade».

p. 86: «Em 1857 espalhou-se o boato extravagante de que um cometa devia encontrar-se com a Terra, destruindo-a completamente no dia 13 de Julho. A data era fatídica; as descrições antecipadas faziam arripiar as carnes aos mais scépticos; o sossêgo foi perturbado; alguns abandonaram o trato dos negócios, e houve até alguém que já ouvia nas solidões do céu o horrído fragor do ígneo gigante que caminhava, inexorável como o destino, implacável como o cutelo do algoz.»

O cometa de Halley, aparecido em Maio de 1910, sobresaltou muita gente, por se ter espalhado, não só em Portugal, como também em França e noutros países cultos, que êle chocaria com a Terra, e a destruiria.

No semanário *O Distrito de Leiria* (n.º 1460, de 19-Março-1910) veio reproduzida a notícia transmitida num telegrama de Budapest para a *Gazeta de Francfort*, segundo o qual um abastado proprietário húngaro, Adam Tomás, se suicidara com um tiro na cabeça, deixando uma carta em que dizia: «Visto anunciar-se que a passagem do cometa de Halley trará a morte a todo o género humano, prefiro matar-me já a ser morto pelo terrível cometa que se espera.»

No nosso país o susto atingiu tais proporções que a Academia de Ciências de Portugal julgou conveniente, para sossegar os ânimos, fazer ao país uma comunicação, que terminava assim: «A Academia de Ciências de Portugal não pode deixar de protestar contra os abusos da credulidade popular, tendentes a cultivar o alarme geral, e que só poderiam perdoar-se quando fundamentados na ignorância, o que, nem por isso, deixaria de ser altamente lamentável e profundamente triste.» (¹)

O cometa de Halley não chocou com a Terra, mas, meses depois da sua exhibição, e ainda no mesmo ano, surgiu, a alimentar a crença supersticiosa de alguns, a implantação do regimen republicano em Portugal, acontecimento que — bom ou mau, conforme os paladares — sempre foi uma revolução sensacional e retumbante.

(¹) Transcrevi integralmente a comunicação no n.º 1467 d-*O Distrito de Leiria* (de 7-v-910) quando dirigia aquele semanário.

Em contrário da crença geral contra os cometas, observa Justino, historiador latino do século II (¹), que a futura grandeza de Mitridates, rei do Ponto, fôra prognosticada por dois cometas aparecidos, um quando êle veio ao mundo, e outro no ano em que começou a reinar.

Algumas anedotas relativas a cometas e superstições a êles referentes:

— A crença nos maus presságios dos cometas estava já espalhada no Novo Mundo no século XVI, pois refere a história do Peru que o rei Atabaliba exclamara, ao ver um cometa, e referindo-se à sua pessoa — *que morreria, sem dúvida, algum soberano* (²).

— Como se sabe, Catarina de Médicis — mulher falsa e astuciosa — teve grandes culpas no massacre conhecido na história pela denominação de *Saint-Barthélemy* (1572). Mal vista, pois, pelo povo, alguém lhe fez este mordaz epigrama, ao mostrar-se ela apavorada com a presença de um cometa:

Spargeret audaces cum tristis in aethere crines,
Venturique daret signa cometa mali.
Ecce suae regina timens male conscia vitae,
Credidit invisum poscere fata caput.
Quid, regina, times? namque haec mala siqua minatur,
Longa timenda tua est, non tibi vita brevis (³).

— A. Osório de Vasconcelos nas suas cartas citadas na nota 2 da p. 216 (*Arq. Pitoresco*, vol. VIII, p. 95) transcreve as seguintes palavras humorísticas, de Babinet, no seu livro *Études et lectures sur les sciences d'observation*: « Nas conversações particulares repete-se a cada passo esta lição: « — Meu caro senhor, diz-se que temos mais um cometa. — É verdade, minha senhora, um cometa lindissimo, como se não encontra outro nos fastos da astronomia. — O que prediz? — Nada, minha senhora. — E é muito lindo? — Esplêndido, e pode vê-lo à vontade se quizer vir ao jardim. — Ah! se êle não faz bem

(¹) Apud ob. e vol. cit. na nota 1 da p. 216, p. 396.

(²) Id. *ibidem*.

(³) Id. *ibidem*, p. 395.

nem mal, não vale a pena incomodar-me.» A senhora vai deitar-se. Perguntar-me hão agora: De que serve a astronomia? Serve para que nos possamos deitar sem temor, até quando há um cometa soberbo. Não sucedia o mesmo há seiscentos ou trezentos anos.»

•

Fecho este artigo com uma lenda das regiões do norte, acêrca da formação dos cometas, e que A. Osório de Vasconcelos conta assim no local já citado: «Depois de ter criado os mundos que divagam no espaço em volta do sol, assim como os guerreiros sombrios caminham atrás do seu rei; depois de tirar do nada, com a mão onipotente, tôdas as maravilhas da natureza; depois de formar o homem, criou Deus a mulher, essa virgem celeste que peregrina sôbre a terra, anjo pálido e pensativo, cujos cabelos flutuam ao vento, como as cordas de harpa misteriosa que ressoa harmonias divinas. Admirado de tanta beleza, e cansado já de tanto trabalhar, Deus resfolegou no empíreo, e o seu bafejar, condensado, transformou-se nos cometas, que pairam nas mais altas regiões.»

CVII

Noites de Lamego

Noites muito grandes, ou que a insónia ou a falta de distracção torna mais custosas de passar, e faz parecer maiores.

Da origem desta locução conheço duas versões. Uma delas, recolhida da tradição oral, diz:

Um homem, precisando de dinheiro, foi a Lamego procurar um compadre rico, que o recebeu muito bem e lhe deu de cear. Em certa altura da refeição, expôs ao compadre o motivo da visita: precisava de certo capital e lembrara-se do seu compadre e amigo, que estava em condições de o servir.

— Trataremos disso *amanhã* — diz-lhe o rico — ceie, durma descansado, e *amanhã* falaremos.

Terminada a ceia, o homem, extenuado da viagem, foi-se deitar e adormeceu logo profundamente. Então o compadre fechou por dentro tôdas as janelas do quarto, de modo que não se visse a menor claridade do dia.